

## PREFÁCIO

O prefácio de um trabalho científico pede ao autor concentração para apresentar aos leitores o mérito do trabalho. É o que procuro fazer agora, tendo à minha frente, na tela do computador, a dissertação de mestrado de Adriana, que tive a honra e o prazer de orientar há quase uma década no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. No entanto, tal como uma *madeleine*, o texto me esquia momentaneamente dessa capacidade, fazendo-me lembrar da responsabilidade que essa orientação assumiu na amizade que Adriana e eu construímos ao longo dessa década. De lá para cá, muitos e muitos outros encontros acadêmicos se constituíram como oportunidade para o estreitamento dos laços que nos unem, mas esse texto que ora releio tem para mim o sentido particular de ter originado uma experiência primordial de amizade.

Além de evocar essa experiência vital, a releitura do texto também me leva à lembrança de que foi Adriana, com sua aguçada visão sobre as questões implicadas com a educação da infância na contemporaneidade, que me despertou para a necessidade de incluir, no projeto de pesquisa sobre práticas escolares de leitura que à época eu coordenava, a atenção à mediação dos meios de comunicação nos modos pelos quais crianças e jovens constituem sua subjetividade e se relacionam com o conhecimento e com a cultura. Essa atenção, central em seu próprio projeto de pesquisa, resultava de seu convívio com o consumo cultural de alunos do primeiro segmento do ensino fundamental e foi responsável por levá-la à ousadia de construir com o máximo de rigor uma prática interdis-

ciplinar de pesquisa, colocando em interface os campos da educação e da comunicação, interface ainda incipiente há dez anos, especialmente no que se refere à interlocução com autores que vêm pensando a cultura como mediadora dos sentidos que os sujeitos produzem sobre a recepção dos meios. A competência de Adriana no trato com a flexibilização das fronteiras disciplinares foi responsável pela transformação dos nossos papéis de orientadora e orientanda em uma parceria acadêmica que permanece viva até hoje.

Recuperando a concentração, incorporo meu papel de apontar os motivos que tornam a leitura deste livro, fruto de investigação sobre o papel das mediações nos sentidos que crianças produzem sobre desenhos animados, essencial para adultos que desempenham diferentes papéis junto às crianças: pais, professores, pesquisadores – que, de um modo ou de outro, preocupam-se com a experiência cotidiana da criança frente à TV, bem como para gestores de políticas públicas implicadas com a educação de crianças e com a produção cultural que a elas se destina.

Qual a importância da obra? Ao se dispor a focalizar a recepção infantil de desenhos animados sob a orientação teórico-metodológica de autores que suspendem a noção de que o receptor é necessariamente passivo diante da mensagem, Adriana exerce a ética de colocar os sujeitos da pesquisa – alunos de duas escolas situadas na cidade do Rio de Janeiro, uma da rede pública e outra da rede privada, na faixa etária dos 9/10 anos – na posição de críticos da concepção moderna de infância, cujos traços de incompletude afetam os adultos – pais, professores, pesquisadores, gestores – em suas maneiras de conceber e lidar com as crianças. A autora insiste nesse exercício que confere à pesquisa com crianças uma dimensão ética quando, dando ouvidos aos sujeitos, permite que, por intermédio de seus depoimentos e produções, problematizem a ideia de que a televisão favorece a subordinação cultural da criança e mostrem que essa crítica, subsidiária da noção de que a recepção da men-

sagem é sempre passiva, não alcança as mediações responsáveis pelas táticas infantis que subvertem a ideologia das mensagens. É desse modo, dando chance às crianças para se constituírem como coautoras de seu estudo, que Adriana apresenta modos de televisão infantil que dão visibilidade à dimensão da criança de ator social, simultaneamente consumidor e produtor de cultura.

Enfim, louvando essa publicação que pode levar aos quatro ventos o alerta implícito ao trabalho de Adriana sobre a necessidade de que os adultos imprimam contornos alteritários à relação que estabelecem com crianças na vida e no exercício do magistério, da pesquisa e da gestão de políticas públicas de educação e cultura, resta-me destacar que o leitor terá em mãos um texto cuja escrita clara e elegante, aliada aos incríveis depoimentos das crianças, é um convite certo à leitura.

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2011

*Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald*

*Dedico este livro a todas as crianças e, em especial, aos meus queridos sobrinhos Eric, Giulia, Davi e Breno que nasceram durante e depois desta pesquisa e que me ajudaram e continuam me fazendo pensar, sempre, sobre a relação da criança com os diferentes produtos da mídia e os desafios da educação. Dedico também ao meu marido Márcio que esteve presente - de forma muito especial - em todos os momentos desse caminhar.*

## APRESENTAÇÃO

Este livro marca a opção de realização de uma pesquisa surgida das questões da minha prática em sala de aula com crianças das séries iniciais. No decorrer desses dez anos de prática fui, aos poucos, percebendo como as crianças iam mudando e como a criança que tínhamos na escola não era a criança que a própria escola concebia. Havia um descompasso, algo que eu mesma não sabia explicar, mas que me incomodava. Muitos professores e escolas ainda não se deram conta de que as crianças mudaram e outros, mesmo se dando conta, encaram negativamente essa diferença de comportamento que as crianças de hoje apresentam e buscam um bode expiatório para a mudança. Foi esse desconforto que gerou a curiosidade de pensar mais sobre a questão, dando origem à minha pesquisa de mestrado, defendida em 2003 e que aqui apresento publicada neste livro.

E para pensar sobre a questão, busquei múltiplos olhares, e o produto aqui apresentado é resultado do percurso que tracei nessa busca. Tal pesquisa foi gerada numa parceria especial, única – difícil de ser construída numa relação de orientação –, como a vivida por mim com a professora Maria Luiza Oswald, minha orientadora, como bem expressa o carinhoso e cuidadoso prefácio por ela escrito para este livro, bem como se entrelaçou aos diálogos que pude viver no contexto do GRUPEM, grupo de pesquisa coordenado pela professora Rosália Duarte da PUC-Rio, que me recebeu de braços abertos e do qual participei durante o Mestrado, com leituras relevantes para minha pesquisa; como também das boas discussões vi-

vidas nas disciplinas lecionadas por Luiz Antônio Coelho, professor do departamento de Artes da mesma universidade, que, mais tarde, também me permitiram boas trocas com o seu grupo de pesquisa.

Bill Green e Chris Bigum (1995) exploram a tese de que está emergindo uma nova geração com uma constituição radicalmente diferente. As crianças que já nascem imersas nessa cultura da mídia já são outras crianças, com uma organização do pensamento advinda dessa nova vivência. Steinberg e Kincheloe (2001) reiteram que a infância é uma criação da sociedade e quando surgem amplas mudanças culturais e sociais a infância também está sujeita a mudar. É preciso, portanto, conhecê-las e para isso precisamos entender melhor o universo cultural em que estão inseridas.

Vivemos numa época de profundas e rápidas mudanças sociais, que tem a mídia, principalmente televisiva, como uma das principais veiculadoras de informações e valores. A experiência da criança hoje é profundamente marcada pelo contato cada vez mais frequente com a imagem, principalmente a imagem em movimento da TV, do computador/internet/videogame e em outros meios tecnológicos e suas telas. A TV por assinatura, o vídeo, o computador, a internet, os jogos eletrônicos estão rompendo com os hábitos intelectuais e educativos seculares. As crianças estão estabelecendo novas relações com a cultura e elaborando novas formas de acessar a informação e construir conhecimento (MONTEIRO, 1998).

Robert Lamb (1999), representante da UNICEF, traz algumas contribuições em seu estudo sobre a mídia visual mundial. A década de 1990, segundo ele, viu a televisão ampliar, e muito, seu domínio como principal meio de comunicação de massa. Em quase todos os lugares ela é citada como a primeira fonte pública de informação. Ela é, também, o artigo de consumo mais vendido no mundo. Além disso, foi percebido que, em quase todos os lugares, as crianças e jovens passaram a ser os alvos principais das pessoas

que estabelecem os horários dos programas, pois se procura atingir o público adulto através dos membros mais jovens da família.

Talvez tais constatações reflitam uma das causas do meu desconforto ao perceber a forma como a mídia invadia a escola e era amiúde trazida pelas crianças para dentro da sala de aula, vista também sob uma ótica negativa pela escola e pelos professores. A mídia como aquela que “perverte” ou “deseduca” a criança. Nos últimos anos de minha prática em sala de aula, ampliei consideravelmente o trabalho com a leitura, lendo e trazendo para discussão, além dos textos de literatura infantil, variados tipos de texto, como notícias de jornal, quadrinhos, propagandas, piadas, charges, criando possibilidades de leituras e relações entre textos.

Os textos da mídia também eram trazidos frequentemente por eles e pareciam mais significativos que os demais. A TV tinha uma legitimidade que, por vezes, a própria escola parecia não ter no universo dessas crianças. Em vários momentos do meu trabalho me perguntei se eu estaria educando mesmo aquelas crianças e me vinha sempre um desconforto. Tive, muitas vezes, a sensação de que a TV educava mais do que eu.

Lazar (1987) diz não ser à toa que a infância tem despertado cada vez mais interesse nos estudos das Ciências Sociais e lembra que a crise da escola traduz as consequências de uma crise geral de valores. A mídia, em especial a televisiva, tem tido um peso cada vez maior na vida das crianças na atualidade. Uma pesquisa promovida pelo canal Cartoon Network constatou que no Brasil 54% das crianças e jovens entre 6 e 15 anos dizem que assistir TV é sua atividade favorita.<sup>1</sup> Atualmente ela ainda faz parte de todo um complexo multimídia, do qual participam a própria TV, agora com muitos e variados canais a cabo, diferentes revistas, jornais, CDs, videogames e computadores. Hoje ela não mais ocupa apenas o es-

---

<sup>1</sup> Informação retirada do site Acessocom, disponível em: <<http://www.acesso.com>>.